

# REVISITANDO O COTIDIANO: BELÉM NA MEMÓRIA DA GERAÇÃO DE 1930

---

*Alexandre Martins de Lima<sup>1</sup>*

## *Resumo*

Até as primeiras duas décadas do século XX, Belém vivia sob os auspícios da economia gomífera. Contudo, a perda da hegemonia na produção da *hévea* para os seringais do Oriente imputou à região amazônica um intenso rearranjo econômico e social. Este câmbio conjuntural trouxe consigo a impressão de perda da riqueza e do fausto da Belle Époque, de retrocesso, difundindo no imaginário da população belenense uma espécie de “ideologia da decadência”. Mas o declínio da produção gomífera cedeu espaço para outros extrativos – como a castanha – e para uma economia urbana alavancada por indústrias que se estabeleciam no bairro do Reduto, além do comércio de bens e serviços. Surge então uma nova “modernidade”, compelida por outras forças motrizes que instauraram uma nova conjuntura socioeconômica e urbana em Belém, mantendo, porém, muito da fisionomia e dos ícones urbanos que consubstanciavam territórios estabelecidos por grupos hegemônicos. Isto posto, o presente trabalho busca resgatar e interpretar as imagens e o cotidiano de Belém a partir dos relatos orais da geração de 1930, relatos estes que se contrapõem à suposta decadência da capital paraense.

**Palavras-chave:** Economia. Cotidiano. Belle Époque.

## *Resumen*

Hasta las primeras dos décadas del siglo XX, Belén vivía bajo los auspicios da economía de la borracha. Pero, la pérdida de la hegemonía en la producción de la hevea para os seringais del oriente imputó a la región amazónica un intenso reordenamiento económico y social. Este cambio

---

1 Professor da Universidade Federal do Pará (FAU/UFPA), Universidade da Amazônia (Unama), Faculdade Ideal (Faci), Faculdade de Estudos Avançados do Pará (Feapa). Doutor em Desenvolvimento Sustentável no Trópico Úmido (Naea/UFPA). Correio eletrônico: alexandre\_lima@unama.br.

coyuntural trajo consigo la impresión de pérdida de la riqueza y del fausto de la Belle Époque, de retroceso difundiendo en el imaginario de la población belenense una especie de ideología de la decadencia. Pero el declive de la producción de la borracha cedió espacio para otros extrativos – como la castaña – y para una economía urbana alavancada por industrias que se establecían en el barrio del Reduto, además del comercio de bienes y servicios. Surge entonces una nueva “modernidad”, coaccionada por otras fuerzas motrices que instauraron una nueva coyuntura socioeconómica y urbana en Belén, manteniendo sin embargo mucho de la fisonomía y de los iconos urbanos que consubstanciaban territorios establecidos por grupos hegemónicos. Esto puesto, el presente trabajo recoge rescatar e interpretar las imágenes y el cotidiano de Belén a partir de los relatos orales de la generación de 1930, relatos estos que se contraponen a la supuesta decadencia de la capital paraense.

**Palabras clave:** Economía. Cotidiano. Belle Époque.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Até a primeira década do século XX, Belém vivia sob os auspícios da economia gomífera. O aumento substancial do capital circulante na cidade não só encheu os cofres públicos, permitindo a realização de sensíveis mudanças no panorama urbano da cidade – através de obras e reformas influenciadas pelo ideário higienista e orientadas para a manutenção do *status quo* socioeconômico da “elite da terra” – como também criou a virtual impressão de que a capital paraense ombrevava-se às grandes cidades-capitais europeias, como Paris, Londres e Berlim. A historiografia é pródiga de investigações desse período específico, no qual se vivia sob o faustoso – e efêmero – ritmo da moda. A economia gomífera, bem como a política, a urbanização, a sociedade e o cotidiano da época foram tratados por pesquisadores da qualidade de Rocque (1973), Benchimol (1992), Weinstein (1993), Sarges (2002) e Daou (2004).

Contudo, a permanência de processos tradicionalmente artesanais de extração e produção do látex foi um dos vetores que, segundo Lima (2008), imputaram à região Amazônica a perda de sua hegemonia na produção da *hévea* para os seringais da Malásia. Tal fato impôs à região um profundo

rearranjo econômico e social. O comércio de Belém passou a apresentar uma gradativa retração. Bancos cessaram financiamentos e linhas de crédito, casas importadoras e aviadoras e pequenos comerciantes – posicionados na “ponta” do mastro totêmico que, segundo Weinstein (1993), distribuía e estruturava a sociedade da época – fecharam as portas.

Para não cerrarem definitivamente suas portas, diversas lojas e elegantes magazines que durante o fausto da borracha primavam pelo luxo e sofisticação de suas mercadorias passaram a vender outras de qualidade inferior, “quinquilharias”, nas palavras de Jurandir (2004, p. 134). Este câmbio conjuntural trouxe consigo a impressão de perda da riqueza e do fausto da Belle Époque, de retrocesso, inculcando no imaginário da população uma espécie de “ideologia da decadência”.

No entanto, o declínio da produção gomífera cedeu espaço para outros extrativos – como a castanha – e para uma economia urbana alavancada pelo comércio de bens e serviços, por profissionais liberais e também por indústrias que se estabeleciam no bairro do Reduto. Surgiu então uma nova “modernidade”, passível de ser percebida pelas oralidades urbanas da geração de 1930, relatos que se contrapõem à suposta decadência e indicam que Belém não retrocedeu, tampouco estagnou. Antes, avançou compelida por outras forças motrizes que instauraram uma nova conjuntura socioeconômica e urbana, mantendo, porém, muito da fisionomia e dos ícones urbanos que consubstanciaram territórios estabelecidos por grupos socioeconômicos distintos e que fizeram da capital paraense uma “guerra de lugares”. Isto posto, a presente investigação busca resgatar e interpretar uma parte das imagens e do cotidiano de Belém a partir dos relatos orais da geração de 1930.

## A PSEUDODECADÊNCIA NO PÓS-CICLO DA BORRACHA

Na historiografia regional, inúmeros discursos tratam da Belle Époque, ou “época da borracha”, na qual Belém surge como cidade habitada por uma “elite burguesa” endinheirada e poderosa. Cidade de “fausto”, lócus da “modernidade”, dos bulevares, das grandes avenidas arborizadas, dos palacetes neoclássicos e ecléticos, e do urbanismo “higienizado”, fruto de um ideário alienígena de racionalidade que se estabeleceu derrubando matas, aterrando igarapés, abrindo ruas e implantando bondes. Pretensamente “afrancesada”, Belém era a cidade do *flanêur*, da *jeunesse dorée*, dos

*soirées*, dos *habitués* das *matinéés* no Cine Olímpia, do Teatro da Paz, dos cafés *chics* que serviam de palco para o “ritual de reconhecimento” entre os membros da “elite” *raffiné*. Mas a cidade também dava espaço aos *smarts* da *high-life* e ao “aristocrático” hábito do *five o'clock tea*.

Não obstante, tal visão é anacrônica e unilateral, posto que em muitos casos ela reifica a extinta “modernidade” da Belle Époque, e frequentemente toma como única fonte de interpretação da dinâmica socioespacial e do cotidiano de Belém a forma através da qual ela era percebida e representada pela “elite”. Também é saudosista, pois parece “apelar” para a volta de uma “harmonia perdida”, um “tempo” perdido, e fatalista, pois, segundo esta mesma interpretação elitista e unilateral, a forte retração econômica provocada pela queda do látex amazônico no mercado internacional foi um fenômeno de ampla dimensão que trouxe consigo sérios revezes para toda a “sociedade” belenense.

No entanto, o estrato social que mais sentiu os impactos do rearranjo econômico do fim do ciclo gomífero foi a oligarquia tradicional, representada principalmente por banqueiros, aviadores e pelos “barões” da borracha. Com o revés econômico vieram a perda de seu prestígio social e também político. Assim, Álvares (1990) observa que entre 1910 e 1920 novas forças sociais – formadas basicamente entre as camadas médias – aglutinavam-se com a intenção de estabelecer uma nova política de mando e garantir a hegemonia de seu grupo. Ascendia, então, uma nova “elite”, representada majoritariamente por comerciantes e profissionais liberais.

Neste contexto de mudanças, a parcela pobre – e conseqüentemente “marginal” – da população de Belém parece ter permanecido incólume. Seu cotidiano ainda era permeado por seus *habitus* – para usar um termo de Pierre Bourdieu (2008) –, suas práticas e estratégias de resistência contra a dominação dos (novos) grupos hegemônicos e também por suas extensas – e extenuantes – jornadas de trabalho. Desta forma, os revezes oriundos do fim do ciclo da borracha impactaram de forma desigual os diferentes grupos sociais que conformavam a sociedade belenense. É o que se observa nas páginas de *Belém do Grão-Pará* (Jurandir, 2004).

A narrativa se passa em 1922, e, nas palavras de Senna e Pereira (2004, p. 17), o que então se respirava em Belém era um “ar de nostalgia de um passado recente e para sempre perdido”. Segundo as autoras, era uma cidade onde, mesmo com a decadência, certa sofisticação ainda era preservada nos bulevares, nas praças de inspiração romântica, no Teatro da Paz e nos “elétricos” que entrecortavam as vias da capital paraense. Partindo deste viés de

análise, Dalcídio Jurandir compartilharia dessa “ideologia da decadência” e, através desta, o romancista parece observar a Belém da década de 1920 como uma “fantasmagoria”, uma pálida lembrança ou um turvo reflexo do que fora durante os áureos tempos da borracha. Não obstante, Nunes (2007) e Bolle (2008) oferecem outras perspectivas de análise.

A economia gomífera, de fato, foi a força motriz da economia nortista a partir de 1850 até o surgimento das plantações asiáticas, o que fez com que as quedas dos preços da *hévea* fossem vertiginosas no mercado externo, diminuindo assim a demanda pela borracha amazônica. Contudo, o retrocesso e a estagnação das atividades econômicas visceralmente ligadas à exportação foram acompanhados de um rearranjo das relações de produção, ainda que as formas produtivas permanecessem predominantemente extrativistas. Assim, enquanto a castanha – dentre outros produtos oriundos do extrativismo – despontava como uma espécie de lenitivo para a economia da região, em Belém observava-se a instalação de diversas fábricas, principalmente no bairro operário do Reduto, área da qual Dalcídio Jurandir dá notícia em seu romance.

Conforme explica Nunes (2007, p. 78), o período de “(...) decadência político- econômica provavelmente afetou a maneira de contar do narrador (...)”. Tanto é que, à primeira vista, “(...) o romance de Dalcídio Jurandir está repleto de sinais que configuram um retrato de Belém sob o signo da decadência” (Bolle, 2008, p. 109); dentre eles, a própria ruína econômica e moral da família Alcântara. Conforme observa Bolle (2008, p. 115), cada membro da família, à sua forma, se ressentia “do rebaixamento de nível de vida e *status* social”. No entanto, para o autor, estes e outros indicativos não são suficientes para afirmar que a imagem dalcidiana de Belém seja de decadência. Assim, ele propõe uma distinção entre a visão das diversas personagens do romance e, por outro lado, a análise do enfoque de Dalcídio Jurandir, já que, para Bolle (2008, p. 110), o romancista “(...) fala da época do auge da borracha sem empatia, mas com distanciamento”. Conforme sua primeira proposta de análise, observa que o menino Alfredo, bem como a costureira Isaura, seus irmãos, mãe, avó e círculo de amigos – todos pertencentes à classe trabalhadora – não compartilham da mesma visão de mundo da família Alcântara, já que nenhum deles fala em “decadência” nem em período “áureo”, o que corrobora a observação de que o declínio da economia gomífera impactou de forma distinta os diversos grupos sociais que compunham a sociedade belenense de então.

## BELÉM NAS MEMÓRIAS DA GERAÇÃO DE 1930

Do ciclo da borracha restaram lembranças de um período de riqueza e fausto, símbolo de uma cidade cuja fisionomia foi transformada por um processo de urbanificação direcionado pelos “projetos de elite” e calcado em ideários higienistas, além da gentrificação que “espetaculizou” áreas centrais da cidade e compeliu as camadas mais empobrecidas da população para bairros periféricos da cidade. A despeito da permanência na configuração socioespacial de Belém na década de 1930, os costumes e *habitus* sociais refletem mais claramente as mudanças processadas após o declínio da extração da *hévea*.

Meira Filho (1973, p. 181) relembra que os belenenses abastados ainda se concentravam, nos anos 1930, nas áreas vizinhas do largo da Pólvora (atual praça da República), tornando-se “o centro de todas as atenções, dos fuxicos, das realizações de caráter beneficente e social”. Sendo um polo gerador de atratividade, diversas linhas de bondes passavam por lá. Deslizando em suas vias metálicas, porém nem sempre de maneira suave, os bondes de Belém conduziam a população pela cidade. Relembra Meira Filho (1973, p. 180) que a vida social e urbana de Belém no início da década de 1930 era tranquila:

Não havia aviões, nem televisões. As viagens para o Sul e Nordeste traziam, ainda, aquele sabor de despedida no cais (...). As *matinéés* do Olímpia, a novidade do Iracema, os bancos corridos do Poeira, a Feira de Nazareth, o Dr. Beleza anunciando os produtos da ‘Fabrica Palmeira’. O sorvete bolachinha, o ‘Charlotine’ do Grande Hotel, que nos saciava a sede com água gelada de graça (...) e as meninas da terra dando bola aos cadetes que chegavam (...) (Meira Filho, 1973, p. 180).

Nascido em São Luís em 1933, Ivens Coimbra Brandão viveu sua infância e adolescência em Belém. Nas memórias de sua meninice figuram os folguedos infantis que geralmente tinham a rua como palco. Nela, a distinção entre os edifícios, arquitetonicamente mais elaborados no centro da cidade e mais simples na medida em que os bairros tornavam-se mais afastados. Pessoas caminhando pelas ruas, calçadas, meninotes de colégio, vendedores ambulantes, as portas dos cafés, padarias e mercearias se abrindo. Neles, o tilintar matinal das xícaras e pires, juntamente com o aroma de café recém-passado, atraíam os transeuntes e comerciários, que, em meio a um burburinho, paravam para tomá-lo com pão antes de iniciarem

mais um dia e trabalho. Na memória de Brandão (2005), as ruas de Belém ganham dimensões olfativas, sonoras e visuais.

Essas recordações são ratificadas pelo engenheiro Antônio Lemos da Silva, nascido em 1924 e falecido em 2011, que manteve vivas as lembranças da Belém da década de 1930. Em entrevista concedida em abril de 2010, Lemos declarou:

(...) era bom viver naquela época, né? Eu era pequeno, era criança ainda naquela época, mas tem umas coisas que eu me lembro. Eu lembro que o meu pai saía bem vestido pra trabalhar e pegava o bonde. Eu me lembro do bonde, eu andei muito de bonde (...) eram muito bonitos, eram considerados os melhores bondes do Brasil, certo? E o engraçado é que era tudo estufado... estufados... e o pessoal, o condutor e o cobrador usavam gravata azul-marinho, quepe (Silva, 2010).

A presença dos bondes pelas vias daquela Belém de 1930 é marcante não só por suas dimensões torná-los visualmente perceptíveis, mas também pelo ruído metálico característico do atrito entre as rodas e os trilhos. Ao longo das ruas estreitas da Cidade Velha e Campina, a passagem do bonde chegava ao ponto de atrapalhar o desenvolvimento das atividades mais simples, como atender a um telefone:

Naquele tempo era comum, quando uma pessoa estava falando ao telefone, a conversa ser interrompida dizendo-se assim: “deixa o bonde passar”. De fato, quando o bonde passava gerava um ruído, se não ensurdecador, capaz de interromper uma conversa ao telefone. O interlocutor, do outro lado da linha, tinha os ouvidos tomados pelo forte ruído (Brandão, 2005, p. 30).

O comentário de Brandão (2005) coincide com as lembranças do engenheiro Antônio Lemos, que durante sua mocidade morou na rua Manoel Barata. O bonde, quando passava em frente a sua casa, fazia

(...) um barulho danado, porque eu morava na Manoel Barata, né? Era descida, né? VlamVlamVlamVlamVlamVlamVlam (imitando o barulho do bonde) era uma descida danada, mas a gente se acostumava, a gente se acostuma a tudo (...) (Silva, 2010).

Implemento tecnológico consubstanciado em ícone da modernidade, os bondes inauguraram em Belém um novo padrão de tecnologia de transporte e deslocamento. Figura urbana culturalmente expressiva que interligava os territórios estabelecidos pelos distintos grupos sociais, e que através dos vários significados que lhes foram atribuídos ao longo do tempo – dentre

eles urbanidade e exclusão, ruptura e continuidade, progresso e decadência – expressou também diversos traços da modernidade cambiante daqueles anos. A Belém dos bondes também é lembrada pelo sr. José Nascimento Pinho, nascido em 1934. Até a idade adulta, morou na Rua Ó de Almeida, que, por ser no centro da cidade, era uma área servida por diversas linhas de bondes. Em entrevista concedida em 2010, Pinho rememora os passeios com os pais nos fins de semana:

(...) o meu irmão, que é um pouco mais velho do que eu, se lembra mais, mas eu lembro pouco. Chegava final de semana a minha mãe vestia a gente, e a gente pegava o bonde e ia lá embaixo. Sabe o que é “lá embaixo”? É o comércio (risos), naquela época a gente dizia “lá embaixo”. Às vezes a gente ia só pra passear mesmo, se vestia todo arrumado só pra passear, só pra ir lá olhar e nem comprava nada. Era bom, era tranquilo, né? Pelo menos que eu me lembre, né? Às vezes, quando a gente ia, o meu pai levava a gente pra merendar lá na Palmeira, a gente sentava numas cadeirinhas assim (mostrando o tamanho da cadeira com as mãos) e comia uns doces que o meu pai pedia num balcão, assim, que era enorme. Era bom, olha, a gente voltava pra casa satisfeito. Era criança, né? Pra gente tudo tava bom (Pinho, 2010).

Na entrevista concedida em agosto de 2010, o sr. Pinho deixa transparecer que alguns hábitos, como o “*footing*” pelas ruas do comércio – ou “lá embaixo”, nas palavras do entrevistado – resistiram à pseudodecadência econômica de Belém. Hábito inicialmente “aristocrático” ao qual subjazia não só o fetiche da mercadoria – lembrando Benjamin (2006) e seu trabalho sobre as passagens parisienses –, mas, acima de tudo, uma espécie de ritual de reconhecimento de pares, de iguais, foi assimilado e reproduzido pelas camadas médias da sociedade. Mudaram-se os atores sociais, porém o *habitus* e seu sentido permaneceram, como o próprio relato do sr. Pinho atesta: às vezes não se comprava, e o passeio servia para observar (as vitrines, as lojas, as mercadorias, as pessoas) e também ser observado.

Naquela década, a praça da República – e áreas circunvizinhas – permanecia como polo de atração na cidade, e possivelmente o que concentrava a maior quantidade de entretenimento, como o Teatro da Paz, o *terrasse* do Grande Hotel, a Cervejaria Paraense, o Café da Paz, a Merceria Vesúvio. Relembra Mendes (1998, p. 100) que um dos passeios mais elegantes na Belém de 1920/1930 eram as sessões noturnas do Cine Olímpia, nas quais era obrigatório para as damas o uso de chapéus:

Minha irmã mais velha recorda-se mais (...) da janela de casa, nos altos do Cristal, com as amigas (...) ficavam, nas tardes de domingo, debruçadas às janelas, admi-

rando as senhoras da sociedade que iam para a parada esperar os bondes que as levariam ao ‘Olimpia’, todas de chapéus e luvas. E que, após a ‘*matinée*’, realizada à tarde apesar do nome, iam para o terraço do Grande Hotel sorver os deliciosos sorvetes que ali se ofereciam (...). Muitas delas tinham ido pela manhã à missa das 10, na basílica, igualmente de chapéu e luvas, com direito a foto de ‘saída da missa’ na primeira página dos vespertinos da segunda-feira (Mendes, 1998, p. 100).

Para aqueles que não dispunham de recursos para frequentar os estabelecimentos refinados da 15 de Agosto – atual Presidente Vargas –, vestir-se para as sessões do Olímpia ou tornar-se *habitué* do terraço do Grande Hotel, o passeio de bonde figurava como alternativa, como explica a sra. Adalgisa Oliveira – nascida em 1930 e que durante sua adolescência morou na travessa de Breves, no bairro do Jurunas –, em entrevista concedida em junho de 2010:

O circular, a gente andava de circular. Tinha o circular de ônibus, que eu ia pra igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro nele, mas também tinha o circular, o bonde. A gente ia lá pra baixo nele, ia pro Ver-o-Peso, ia pro cinema, pro comércio, ia até pro Clube do Remo, onde a gente tinha canto orfeônico. (...) os condutores, o motorneiro, eram mais educados que esses motoristas de ônibus, só era! E era muito bom! Não tinha não esse negócio de às vezes a gente querer pegar o ônibus e o ônibus passar, não parar, não senhor! Parava naquela parada, saltava quem tivesse que saltar, entrava quem tivesse que entrar, aí seguia, ia embora. (...) Andava tudo direitinho, ia todo mundo bonitinho, nada de desarrumado, não. Não é como hoje (Oliveira, 2010).

O relato da sra. Adalgisa, além de ratificar o bonde como elemento indelével da paisagem urbana, mostra (como no trecho a seguir), através da prática corriqueira de um passeio, certo nível de emancipação da mulher, que passa a fruir algumas possibilidades que o espaço urbano oferecia, sem o temor de serem rotuladas como “perdidas” ou confundidas com “mulheres da vida”.

Segundo Louro (2006, p. 449), indícios dessas mudanças já podiam ser observados na década de 1920, e, nas palavras da autora, apresentam estreita relação com o processo de urbanização e industrialização das cidades brasileiras que ampliava as oportunidades de trabalho para os homens. Estes, gradativamente, abandonaram alguns postos, como a sala de aula e outras atividades relativas à carreira docente, dando início a um processo de “feminização do magistério”. Assim, de forma legitimada, as mulheres dos grupos sociais relativamente mais abastados – e mesmo

aquelas de camadas “mais populares” – passaram a abraçar o magistério como função, ainda que à época fosse visto como extensão da maternidade ou destino primordial do sexo feminino, e a ampliar seu universo, muitas vezes, circunscrito à casa, à igreja e aos trabalhos assistenciais das ligas, clubes e demais organizações femininas do gênero.

No entanto, à medida que as mulheres ganhavam a possibilidade de vivenciar de maneira mais efetiva o espaço público, as relações entre gêneros também sofreram alterações, dentre elas a corte, o galanteio, os namoros e flertes. Antes, de maneira disfarçada nas saídas das igrejas, nas festas ou devidamente vigiados nos portões das casas, o namoro “(...) pulara a janela. Fora da porta para a rua” (Del Priore, 2005, p. 283), passando, aos poucos, a acontecer nos cafés, nos bancos de praça, nos teatros, no cinema e dentro dos bondes, como é possível perceber nas memórias da sra. Adalgisa:

(...) a gente andava muito de bonde. Tinha o ônibus, mas a gente também andava de bonde. Às vezes eu ia sozinha mesmo pros cantos, mas eu também andava com as minhas colegas do Placidia (referindo-se ao Grupo Escolar Placidia Cardoso, onde estudava quando jovem). Às vezes tinham uns cabras que, assim, puxavam conversa com as minhas colegas, mas eu? Eu nem dava confiança... eu ia lá me enxerir com cabra velho? (risos) (Oliveira, 2010).

Na paisagem urbana daquela Belém de 1930, não só os bondes figuravam como importantes elementos do cenário urbano. As ruas e avenidas, principalmente nas áreas centrais, ainda emolduradas por edificações de um neoclássico hibridizado, passaram também a dar espaço para bangalôs que não só modificavam a fisionomia das ruas dos bairros do centro de Belém, distinguindo-os daqueles habitados pelas classes populares, como, igualmente, afirmavam a presença dos grupos social e economicamente dominantes. Um exemplo disto é o bairro do Umarizal. Inicialmente era bairro ocupado por uma população negra, mas a proximidade com o bairro de Nazaré facultou ao Umarizal o acesso a equipamentos e infraestrutura urbana, o que contribuiu para a crescente especulação imobiliária no decorrer dos anos e o consequente afastamento dos primeiros habitantes para bairros periféricos, como a Pedreira.

O aspecto do Umarizal pode ser percebido no relato da sra. Terezinha Silva coletado por Rodrigues (2010). No bairro em questão, Terezinha morava

(...) numa casa muito bonita, muito grande, confortável, (...) de alvenaria, uma casa excelente, muito luxo. Limpavam as ruas, uma vez ou outra, os donos das casas também limpavam as casas. Tinha muitas casas boas nesse perímetro porque moravam muitas famílias importantes, por exemplo, eu lembro da família do doutor Klautau, era até um médico, e também morou aquela família Duarte, que tem negócio de funerárias, eles tinham até uma casa em Nazaré, Avenida Nazaré, que era de funerária, eles moravam lá na Boaventura. Os móveis eram de palhinha, de palhinha, formato de madeira com tudo de palhinha, mas era cada feitiço bonitinho, tinha um coberto assim que sentava duas, três pessoas. A copa, a cozinha, mas mesmo na copa, na varanda, eles colocavam cada móvel lindo (...) (Silva, 2004, *apud* Rodrigues, 2010, p. 74).

No entanto, beleza, conforto e espaço certamente não eram palavras que pudessem ser empregadas para adjetivar as residências dos bairros mais afastados do centro de Belém. A urbanificação processada na cidade na segunda metade do século XIX produziu no século seguinte uma cidade gentrificada, de sensíveis contrastes entre as áreas centrais – espaço social de grupos economicamente hegemônicos – e as áreas “suburbanas” – espaço social dos grupos mais pobres. Através do trabalho de interpretação da história da cidade de Belém por meio da narrativa oral de seus moradores, Rodrigues (2010, p. 68) evidencia a distinção existente entre os territórios da cidade a partir das diferenças entre as ruas centrais e as mais afastadas, que, segundo a autora, destoavam fortemente das imagens veiculadas em álbuns comemorativos, relatórios de Intendência e cartões-postais. Lugares diferentes numa mesma cidade.

Pode-se tomar como exemplo a antiga Rua da Vala, atual Avenida Conselheiro Furtado. Por volta de 1930 a via, nas imediações do cemitério da Soledade, apresentava-se nivelada e calcetada com paralelepípedos de granito em função dos trilhos dos bondes que subiam a Serzedelo Corrêa, dobravam na Conselheiro e seguiam até a Praça Amazonas, para então descerem pela Avenida 16 de Novembro rumo ao Ver-o-Peso. Não obstante, o aspecto da via não era uniforme, pois, distante do centro e de das vias férreas, a Conselheiro Furtado

(...) não era asfaltada, era chão, vala de um lado e de outro, cheio de mato, tudo poluído. (...) Tinha vacaria na Avenida Ceará, tinha na Conselheiro também. A maioria dos terrenos eram, por ali, por exemplo, ali na Conselheiro com a Alcindo Cacela até a outra rua da Pariquis... aquilo tudo era plantação de rosas, flores, era horta que chamavam horta de flores. Então, quando morria uma pessoa e queriam flores, iam lá comprar. Era caro (...) (Oliveira, 2004, *apud* Rodrigues, 2010, p. 68).

Segundo o testemunho do sr. Oswaldino Oliveira, a fisionomia “urbana” existente no centro de Belém desvanecia em direção aos bairros mais afastados. As plantações, as vacarias e as residências humildes encarregavam-se de conferir um aspecto menos urbanizado – rústico – às áreas mais afastadas:

Na Conselheiro era tudo casa de palha, a maioria era casa de palha, madeira coberta com palha. Muitas eram com palha e zinco. Eles colocavam a palha e depois colocavam o zinco por cima, que era para o vento não carregar e nem mexer muito com as palhas. Era assim. Minha casa tinha as laterais toda de madeira e tinha janela, tinha assoalho de tábua corrida e os corredores todos eram de tábua corrida e bruta também; do jeito que vinha da serraria pregava (Oliveira, 2004, *apud* Rodrigues, 2010, p. 69).

O aspecto simples era conferido às residências – e também a seu entorno – não só por suas dimensões, mas também pelo material construtivo empregado; nesse sentido, o relato de Oswaldino é revelador. A madeira era o material mais comumente usado para a construção das paredes e assoalhos das casas dos habitantes dos bairros afastados. O final da Avenida Conselheiro Furtado encontra-se em área de confluência dos bairros da Cremação, São Braz e Guamá, sendo este último foco das memórias do sr. José Sales, cujo depoimento também foi coletado por Rodrigues (2010). Nascido em 1934, o José Sales morou na Passagem Alegre, na Passagem Moura Carvalho, mudando-se depois para as ruas Augusto Correia e Barão de Igarapé-Miri. Situado às margens do rio que lhe dá nome, o Guamá apresenta terrenos de cotas baixas e, portanto, alagados ou sujeitos a alagamentos.

Explica Penteadó (1968, p. 312) que nestas áreas, dificilmente habitáveis em função das deficiências de escoamento das águas pluviais, predominavam “barracas” de madeira. Segundo o depoimento de José Sales, o Guamá

(...) não tinha nenhuma rua asfaltada, era só chão e buraco, os ônibus saíam bem daqui da José Bonifácio com a Barão. As ruas eram de chão batido, com valas, e ficava aquele buraco, capim tinha muito, tinha as valas do lado, e aquilo quando empoçava, a água transbordava tudo. No Guamá tinha até olho d’água (...). A primeira casa que eu morei era de enchimento, a segunda, madeira. Tinha várias casas de madeira ainda coberta de palha, aí depois, com o tempo, foram cobrindo de telha, hoje não tem mais casa coberta de palha (Sales, 2004 *apud* Rodrigues, 2010, p. 73).

O relato do sr. José Sales é revelador não somente das distinções territoriais que se estabeleciam na cidade segundo os grupos sociais, mas também

de uma questão que surge nas últimas décadas do século XIX e perpassa a primeira metade do século XX: o problema das habitações insalubres em Belém. Com a urbanificação das áreas centrais da cidade e o consequente aumento do custo de vida, a população pobre foi impelida para os bairros de periferia, onde se espalharam em locais em que podiam construir suas barracas, ou mesmo alugá-las por valores que se enquadravam em seus poucos recursos. Estas habitações – denominadas de vernículas ou espontâneas – até meados do século XX foram alvo das críticas da imprensa e de medidas regulatórias da municipalidade, que visavam afastá-las do centro da cidade. Em diversas ocasiões, o discurso oficial era ratificado pela imprensa com o intuito de mobilizar a opinião pública para o problema (ou ameaça) que tais habitações representavam.

Assim, visando combater as moléstias, os médicos e higienistas propunham o isolamento – ou expulsão – de equipamentos insalubres através da reorganização do espaço urbano secundado por medidas de “saneamento” que propugnavam a “limpeza profunda do meio físico e social” (Costa, 2004, p. 60). As condições de higiene dos subúrbios e da atmosfera “viciada” das habitações miseráveis ainda nas primeiras décadas do século XX continuavam a preocupar esses agentes, que passaram a considerar uma intervenção direta no espaço de moradia desse grupo social específico, engendrando uma nova forma de habitar que Costa (2002, p. 65) declara ser tributária da “medicalização” do espaço privado.

Desta forma, a medicina higienista do século XIX e início do XX é calcada em propostas intervencionistas de controle do meio, dos espaços insalubres e doentios – como matadouros, cemitérios, quartéis, instalações portuárias, hospitais, prisões e as casas dos pobres –, através do isolamento no tecido urbano e posterior aplicação direta de medidas sanitárias. A respeito do quadro, Pesavento afirma que

Mora na cidade quem puder preencher as condições de cidadão ou então vá povoar os arrabaldes (...). Na cidade propriamente dita, só deviam residir os que podiam sujeitar-se às regras de higiene e da moral (Pesavento, 1996, p. 39).

A atmosfera que se estabelecera com a urbanificação e espetaculização do centro de Belém, que, com efeito, instaurou uma nova ordem social, também foi um elemento de destruição na medida em que ameaçou valores e práticas cotidianas de grupos sociais considerados “inferiores” por seus *habitus* e práticas cotidianas, que algumas vezes eram estratégias evidentes

contra a “dominação” pelos grupos hegemônicos. Estes indivíduos “vulgares” e suas atividades cotidianas construíram territorialidades que, naquela Belém de 1930, conflitavam com as praças ajardinadas e as ruas calçadas e urbanizadas do centro da cidade.

Com suas práticas, este grupo social pobre e “marginal” demarcava fronteiras identitárias que tornavam Belém uma “guerra de lugares”. Assim, segregados do espaço espetaculizado que se renovava naqueles anos 1930, continuavam a ser impelidos aos bairros suburbanos ou aos locais ainda insalubres contíguos ao centro, como as margens de igarapés e cursos d’água, ou os covões, referenciados por Dalcídio Jurandir no romance *Belém do Grão-Pará*.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas orais aqui reproduzidas, examinadas e interpretadas representam fragmentos que compõem a tessitura do cotidiano da Belém da década de 1930. São registros de moradores que majoritariamente nasceram na década em questão e viveram sua infância ou início da juventude em uma cidade supostamente decadente, cuja fisionomia seria apenas uma pálida lembrança dos “áureos tempos da borracha”. No entanto, as memórias aqui reportadas contrapõem-se a esta visão unilateral e fatalista.

Em verdade, a conjuntura econômica que se estabeleceu em Belém após a perda da hegemonia na produção do látex e consequente depreciação de seu valor no mercado internacional atingiu especialmente os grupos sociais enriquecidos pela economia gomífera – a “elite burguesa” da terra –, representada por banqueiros e barões da borracha. Este estrato social sentiu de forma mais direta e impactante os reflexos negativos da retração econômica, perdendo prestígio social e político, experimentando, desse modo, certa “decadência”.

Com isto, novos atores sociais aglutinaram-se para defender seus interesses, fazendo surgir um novo grupo social e economicamente hegemônico. Instaurou-se então uma nova conjuntura econômica, já não mais baseada na extração do látex. O comércio de bens e serviços e indústrias tornaram-se força motriz da economia de Belém. Mediante este quadro conjuntural, observa-se que as décadas posteriores ao fim do ciclo da borracha não se desenvolveram sob o signo da decadência – antes, sob o signo da mudança.

O significado próprio do *footing* – ver e ser visto, reconhecer e ser reconhecido pelos seus pares – permaneceu, mudando somente os atores sociais.

Os territórios delimitados por grupos sociais distintos – os que ocupavam uma posição economicamente hegemônica e os pobres e “marginais” – e legitimados por *habitus* e práticas cotidianas específicas permaneceram, bem como os reflexos do forte processo de gentrificação. As relações entre grupos sociais distintos também permaneceram, bem como os territórios por eles construídos.

As narrativas orais aqui reportadas apontam para uma cidade cujo processo de mudança não foi pleno. Antes, foi mediador entre transformações e permanências. Majoritariamente na década de 1930, as testemunhas conheceram – e utilizaram – os bondes durante sua infância e juventude. Dessa forma, suas memórias também permitem examinar e interpretar a relação – nem sempre positiva – existente entre esses atores sociais, a cidade e os bondes. Dentre os passantes representados, é possível observar a figura de duas mulheres.

No caso da elite belenense, observa-se que, mesmo após o faustoso tempo da borracha, alguns hábitos adquiridos então, como trajar-se bem para viajar de bonde ou para compromissos “sociais” diversos – e a missa na basílica era um deles –, haviam se arraigado nesta “parcela” da sociedade, que continuava a frequentar as boas casas de moda do comércio e a consumir produtos que estivessem consoantes à última moda dos grandes centros. A partir dessa metodologia, este artigo buscou resgatar e interpretar as imagens e o cotidiano de Belém a partir dos relatos orais da geração de 1930, os quais se contrapõem à suposta ideia de decadência da capital paraense.

## REFERÊNCIAS

- ÁLVARES, Maria L. M. *Saias, laços e ligas: construindo imagens e lutas* (um estudo sobre as formas de participação política e partidária das mulheres paraenses – 1910-1937). Dissertação (mestrado Internacional em Planejamento e Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 1990.
- BENCHIMOL, S. *Romanceiro da batalha da borracha*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado, 1992.
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Organização de textos por Willi Bolle. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2007.

- BOLLE, W. Belém, porta de entrada da Amazônia, *in*: CASTRO, Edna (org.). *Cidades na floresta*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 99-147.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2008.
- BRANDÃO, I. C. *Memórias e história*. Belém: Ivens Coimbra Brandão, 2005.
- COSTA, Maria C. L. Teorias médicas e gestão urbana: a seca de 1877-1879 em Fortaleza. *História, ciências, saúde*. Manguinhos, v. 11, n. 1, 2004, p. 57-74.
- DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.
- JURANDIR, D. *Belém do Grão-Pará*. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004.
- LIMA, A. M. de. Negócios da borracha: uma abordagem da economia gomífera amazônica através da teoria do desenvolvimento econômico de Schumpeter. *Revista de Estudos Sociais*, Faculdade de Economia da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, v. 2, n. 20, p. 44-66, 2008.
- LOURO, Guacira L. Mulheres na sala de aula, *in*: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 443-481.
- MEIRA FILHO, A. *Contribuição à história de Belém*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, v. 1, 1973.
- NUNES, P. *Útero de areia: um estudo do romance Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir*. 2007. Tese (doutorado em Linguagem e Comunicação) – PUC Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- PESAVENTO, Sandra J. A redescoberta da rua, *in*: PESAVENTO, Sandra J. *O espetáculo das ruas*. 2ª ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996, p. 8-10.
- ROCQUE, C. *Antônio Lemos e sua época*. Belém: Amazônia, 1973.
- RODRIGUES, Venize N. R. Cidade narrada: memórias, histórias, representações, *in*: FARES, Josebel A. *Memórias de Belém de antigamente*. Belém: Eduepa, 2010, p. 65-86.
- SARGES, Maria de N. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870- 1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Memórias do “Velho Intendente” Antônio Lemos (1869-1973)*. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- SENNA, Marta de; PEREIRA, Soraia F. R. Introdução, *in*: JURANDIR, D. *Belém do Grão-Pará*. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.